

## **A ETERNIDADE DE DEUS NA FILOSOFIA DE RAMON LLULL (1232-1316)<sup>1</sup>** *THE ETERNITY OF GOD IN THE PHILOSOPHY OF RAMON LLULL*

Ricardo da Costa\*

### **Resumo**

Análise do conceito de *Eternidade* na filosofia de Ramon Llull, a partir das obras *Livro das Maravilhas* (1288-1289), *Árvore da Ciência* (1295-1296), *O Livro do que o homem deve crer em Deus* (1302), *Arte breve* (1308), *Livro dos Correlativos* (1310), *Do nascimento do menino Jesus* (1311) e *Livro da Cidade do Mundo* (1314).

**Palavras-chave:** Filosofia Medieval – Metafísica – Ramon Llull – Eternidade.

### **Abstract**

Analysis of the concept of *eternity* in the Ramon Llull's philosophy from the works *Fèlix o Llibre de meravelles* (1288-1289), *Arbor scientiae* (1295-1296), *Liber qui debet homo de Deo credere* (1302), *Ars brevis* (1308), *Liber correlatiuorum innatorum* (1310), *Liber natalis pueri paruuli Christi Jesu* (1311) and *Liber de ciuitate mundi* (1314).

**Keywords:** Medieval Philosophy – Metaphysic – Ramon Llull – Eternity.



**Imagem 1**

Nesse detalhe de uma *Bíblia de luxo napolitana* (c. 1360, f. 4r, *Gênesis*) confeccionada durante o governo de Joana I de Nápoles (1326-1382), a *Santíssima Trindade* (na auréola dourada, da esquerda para a direita, o Pai, o Filho e o Espírito Santo [a pomba branca]), **a partir da eternidade** (representada pelo fundo vermelho, azul e dourado), cria o Céu e a Terra com um bastão, difundindo neles o Espírito Santo (outra pomba, no círculo azul). A *filosofia de ação*<sup>2</sup> de Ramon Llull pretendeu provar racionalmente a existência da Trindade no mundo a judeus e muçulmanos para convertê-los e, assim, difundir o Cristianismo e a Igreja Católica pelo mundo.

<sup>1</sup> Este texto é uma leve ampliação de uma conferência proferida no dia 13 de maio de 2010 na VI Semana de Filosofia – *Tempo e Eternidade na Idade Média*, evento organizado pelo *Instituto Sapientia de Filosofia* (Seminário Bom Pastor, Francisco Beltrão, PR, *Internet*, [www.institutosapientia.com.br](http://www.institutosapientia.com.br)) entre os dias 10 e 14 de maio de 2010. Publicado na Revista Dominicana de Teologia (RDT) 10 – “Igreja e Estado”, Ano V - 2010, Janeiro/Junho, p. 103-118 (ISSN 1980-1963) [Agradecemos à disponibilidade do autor para republicação aqui em Thaumazein (N. do Editor)]. Agradeço a leitura crítica do colega filósofo e amigo Alexander Fidora (ICREA *Research Professor/Universitat Autònoma de Barcelona*).

\* Medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). *Acadêmico correspondente* n. 85 da *Real Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*. Site: [www.ricardocosta.com](http://www.ricardocosta.com)

Eternidade é aquela propriedade e natureza pela qual a magnitude e o poder duram eternamente na unidade do número e, por isso, o poder pode ser infinitamente grande e extenso na eternidade.

*Aeternitas este a proprietas in natura per quam durant magnitudo et potestas aeternaliter in unitate numeri, unde potestas potest in aeternitate infinite et extense esse magna.*

RAMON LLULL, Tabuleiro Geral (1293-1294).<sup>3</sup>

Nessa definição do final do século XIII muito semelhante a uma passagem platônica, como veremos, o filósofo catalão Ramon Llull relaciona a *Eternidade divina* com outras duas dignidades de Deus (a *Grandeza* e o *Poder*) e ainda se vale do conceito aristotélico de *duração*<sup>4</sup> como sinônimo de eternidade.

## I. A herança clássica e alto-medieval

Os filósofos gregos já conheciam o conceito de *eternidade*. No *Timeu* – obra estimadíssima pelos neoplatônicos do século XII, particularmente os da *Escola de Chartres*<sup>5</sup> – Platão (c. 427-347 a.C.) já contrapusera os dois sentidos deste conceito (**1.** duração indefinida no tempo e **2.** intemporalidade como contemporaneidade), definindo-o como aquilo “que é”:

Então [o pai] pensou em compor uma imagem móbil da eternidade, e, ao mesmo tempo em que organizou o céu, fez da **eternidade que perdura na unidade** essa imagem eterna que se movimenta **de acordo com o número** e a que chamamos tempo (...) Referindo-nos a ela [a eternidade], dizemos que **foi, é e será**, quando a **expressão Ela é, é a única verdadeiramente certa**, ao passo que, à justa, *Foi e Será* só se aplicam ao que se forma no tempo, por tratar-se de movimento (...) (os grifos são nossos).<sup>6</sup>

Como se vê, em Platão, não é fácil medir a eternidade por meio do tempo! Mais: embora não o cite expressamente, é razoável supor que Ramon Llull tenha se baseado no *Timeu* para a sua definição de *eternidade*, pois utiliza praticamente a mesma relação dos termos (*eternidade/unidade/número*) que Platão.

---

<sup>2</sup> Tese defendida por Armand Llinarès. *Ramon Llull*, 1987.

<sup>3</sup> Bonner; Ripoll Perelló., *Diccionari de definicions lul.lianes*, 2002, p. 149. Todos os extratos dos textos de Ramon Llull foram traduzidos por nós.

<sup>4</sup> Exposto em *De caelo I*, 9, 279-25.

<sup>5</sup> Costa, A verdade é a medida eterna das coisas: a divindade no *Tratado da Obra dos Seis Dias*, de Teodorico de Chartres (†c. 1155). In: Zierer, Adriana (org.). *Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares*, 2010.

<sup>6</sup> Platão, *Timeu*, 37d e 38a. Cf. *Diálogos (Timeu – Critias – O Segundo Alcibiades – Hípias Menor)* (trad. de Carlos Alberto Nunes), 2001, p. 73-74. Os grifos são nossos.

Por sua vez, Aristóteles (384-322 a.C.) aprofundou nesse quesito o pensamento platônico, pois afirmou que os *entes eternos* (“*seres primordiais e eternos*”<sup>7</sup>) – *eternamente em movimento circular*<sup>8</sup> – não estão no tempo, nem são abarcados ou medidos por ele, já que não sofrem a sua ação.<sup>9</sup>

A filosofia cristã teve em Santo Agostinho (354-430) o seu pilar fundamental. Em suas *Confissões*, há uma digressão sobre o tempo considerada clássica<sup>10</sup>: o tempo é uma *certa distensão*, e se divide em três: o *presente das coisas passadas*, *presente das presentes*, *presente das futuras*.<sup>11</sup> Quanto à eternidade, incomparável, esplendorosa e perpetuamente imutável, nela nada passa, tudo é presente. Empresa grandiosa, ela determina o futuro e o passado, pois dimana d’Ele, que é sempre presente.<sup>12</sup>

Contudo, foi Boécio (480-525) quem legou à Idade Média a (belíssima) definição base para a Filosofia: *eternidade* é a posse completa e perfeita de uma vida ilimitada; ela nos esclarece sobre a natureza divina e sua sabedoria. O *ser eterno*, portanto, como está sempre presente e tem plena posse de si mesmo, apreende e possui de uma só vez *a totalidade da plenitude de uma vida sem limites*, a qual nada falta do futuro, nem escapa do passado.<sup>13</sup>

Em outra obra (*Da Santíssima Trindade*), Boécio faz uma importante distinção entre *eternidade* e *sempiternidade* (ou *perpetuidade*<sup>14</sup>), pois, a respeito do tempo, em uma cosmologia de orientação cristã (como bem nos lembra Juvenal Savian Filho), há de se distinguir o criador de suas criaturas:

Com efeito, Deus é sempre, porque, nele, “sempre” é do tempo presente e há tanta distância entre o presente das nossas coisas, que é agora, e o das divinas, que o nosso “agora”, como que correndo, faz o tempo e a sempiternidade, enquanto o “agora” divino, permanecendo e [245] não se movendo, mas sendo constante, faz a eternidade; se acrescentares “sempre” ao nome “eternidade”, farás deste agora que corre sempre, infatigável, e que, por isso, é um curso perpétuo, a sempiternidade.<sup>15</sup>

<sup>7</sup> Aristóteles, *Metafísica IX*, 9, 1051<sup>a</sup> 20.

<sup>8</sup> Aristóteles, *Física VIII* 8, 263 a 3.

<sup>9</sup> Aristóteles, *Física IV*, 12, 221, b3.

<sup>10</sup> Costa, Tempo e eternidade em Agostinho de Hipona. In: Ter Reegen; De Boni; Costa (orgs.). *Tempo e eternidade na Idade Média*, 2007, p. 21-29.

<sup>11</sup> Santo Agostinho, *Confissões* (trad. de J. Oliveira Santos, S. J., e A. Ambrósio de Pina, S. J.), 1990, Livro XI, 23 e 20.

<sup>12</sup> Santo Agostinho, 1990, Livro XI, 11.

<sup>13</sup> Boécio, *A Consolação da Filosofia*, 1998, V.11, p. 150-1552.

<sup>14</sup> Blackburn, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*, 1997, p. 129.

<sup>15</sup> Boécio. *Escritos (Opuscula Sacra)* (trad., estudos introdutórios e notas de Juvenal Savian Filho). São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 206. O texto também está disponível na *Internet*, mas na tradução (e introdução) de

A distinção boeciana marcou a Idade Média. De fato, a partir do século IV, a maior parte dos pensadores cristãos sustentou a idéia de que Deus existe fora do tempo e, de Sua região atemporal – a eternidade – atua e conhece simultaneamente cada momento do tempo.<sup>16</sup>

A própria *Bíblia* confirmava isso (ao contrário do que afirmou o Prof. Swinburne<sup>17</sup>): há várias passagens no Antigo Testamento que aludem à eternidade (“desde sempre e para sempre”<sup>18</sup>; “Pois mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, uma vigília dentro da noite”<sup>19</sup>), e, particularmente, duas em especial: **1)** a que afirma que a *Sabedoria* foi estabelecida por Deus desde a eternidade<sup>20</sup> – *Sabedoria* posteriormente aplicada à pessoa de Jesus Cristo, *Sabedoria de Deus*<sup>21</sup>, e **2)** a que afirma que Deus está nas alturas, em lugar excelso, que habita a eternidade e cujo nome é santo.<sup>22</sup>

Após Boécio, a grande contribuição pré-escolástica ao tema da eternidade pertence a Santo Anselmo (c. 1033-1109), alegou John Marebon.<sup>23</sup> Em seu *Monólogo* (1076), Anselmo explicita ainda mais o conceito que Boécio: como é verdade que algo sempre existiu e existirá, a verdade não tem princípio, nem fim, e Deus, a *natureza suprema* (ou *essência suprema*) é a verdade (§18) que não existe no tempo, pois Sua idade é distribuída no passado, no presente e no futuro (§22).<sup>24</sup>

Ademais, “Ela [a essência suprema] encontra-se em todo lugar e tempo, porque não está ausente de nada; e não se encontra em nenhum lugar, porque não possui nem lugar nem tempo e não admite, em si mesma, distinção de lugar e de tempo”.<sup>25</sup> Portanto,

(...) não exististe ontem, nem existes hoje, nem existirás amanhã, porque ontem, hoje e amanhã *tu existes*; mas não se deve dizer “ontem, hoje, amanhã” e, sim, simplesmente: *existes*; e fora de

---

Jean Lauand. Boécio e o *De Trinitate*. In: *Convenit Internacional 5. Internet*, <http://www.hottopos.com/convenit5/luan.htm>

<sup>16</sup> Cf.. Swinburne, Eternidade. In: Honderich, (ed.). *Enciclopedia OXFORD de Filosofia*, 2008, p. 383.

<sup>17</sup> Cf. Swinburne, 2008.

<sup>18</sup> 1Cr 16, 36; 29, 10; Sl 25, 6; 41, 13; 90, 2 (“Desde sempre e para sempre tu és Deus”); 93, 2; 103, 17 (“Mas o amor de Iahweh!(...) existe desde sempre e para sempre existirá por aqueles que o temem”); 106, 48 (“Bendito seja Iahweh, Deus de Israel, desde sempre e para sempre!”);

<sup>19</sup> Sl 90, 4.

<sup>20</sup> Pr 8, 22-23.

<sup>21</sup> “Mas a Sabedoria foi justificada pelas suas obras”, Mt 11, 19; “Eis por que a Sabedoria de Deus disse”, Lc 11, 49; “Mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus”, 1Cor 1, 24.

<sup>22</sup> Is 57, 15.

<sup>23</sup> Marebon; Luscombe, Duas idéias medievais: Eternidade e hierarquia. In: McGrade, (org.). *Filosofia Medieval*, 2008, p. 71-95.

<sup>24</sup> Anselmo se refere a Deus como *natureza*, *essência*, e *substância*, pois, em seu tempo, a terminologia filosófica ainda não estava tão bem precisa como mais tarde, durante a *Escolástica*.

<sup>25</sup> Santo Anselmo de Cantuária. *Monólogo* (trad. e notas de Angelo Ricci), 1973, cap. XXII, p. 47.

qualquer tempo. Ontem, hoje e amanhã só existem no tempo e tu, ao contrário, embora nada haja sem ti, tu não estás, entretanto, em lugar e tempo nenhum; e tudo encontra-se em ti, pois nada pode abranger-te e, todavia, tu abranges todas as coisas.<sup>26</sup>

Essa foi a herança filosófica cristã que Ramon Llull, homem do século XIII, mas espiritualmente do XII, herdou.<sup>27</sup> Mas como ele a moldou (e a recriou) à sua filosofia?

## II. As dignidades e os correlativos na filosofia de Ramon Llull

Em Llull, Deus é representado pela **figura 1** (letra **A**) de sua *Arte breve* (126. *Ars brevis*, Pisa, 1308)<sup>28</sup>, e ele explica:

A razão pela qual fazemos esta *Arte Breve* é para que a *Arte Magna* seja mais facilmente conhecida, pois se se conhece esta, tanto a *Arte* supracitada como as outras artes podem ser conhecidas e aprendidas com facilidade. **A finalidade dessa Arte é responder a todas as questões**, sempre que se saiba o significado de cada termo (...) Colocamos um alfabeto nessa *Arte* para com ele poder fazer figuras e mesclar princípios e regras **para investigar a verdade**, já que por meio de uma letra que possui muitos significados, o intelecto é mais geral para receber muitos significados e fazer ciência. Convém saber de memória este alfabeto, já que de outro modo o artista dessa *Arte* não poderá aplicá-la bem.

### O Alfabeto

- B** significa bondade, diferença, “se?”, Deus, justiça e avareza.
- C** significa grandeza, concordância, “o que?”, anjo, prudência e gula.
- D** significa **eternidade ou duração**, contrariedade, “de que?”, céu, fortaleza e luxúria.
- E** significa poder, princípio, “por quê?”, homem, temperança e soberba.
- F** significa sabedoria, meio, “quanto?”, imaginativa, fé e acídia.
- G** significa vontade, fim, “qual?”, sensitiva, esperança e inveja.
- H** significa virtude, maioridade, “quando?”, vegetativa, caridade e ira.
- I** significa verdade, igualdade, “onde?”, elementativa, paciência e mentira.
- K** significa glória, minoridade, “como e com que?”, instrumentativa, piedade e inconstância (os grifos são nossos).<sup>29</sup>

<sup>26</sup> Santo Anselmo de Cantuária. *Proslógio* (trad. e notas de Angelo Ricci), 1973, cap. XIX, p. 122. Ver também Martines, A eternidade divina no *Proslógio* de S. Anselmo. In Ter Reegen; De Boni; Costa (orgs.). *Tempo e eternidade na Idade Média*, 2007, p. 46-51.

<sup>27</sup> Yates, *A arte da memória*, 2007, p. 222.

<sup>28</sup> Ao longo de sua vida, Ramon reescreveu várias vezes a sua *Arte*. Valeremo-nos da *Arte breve*, pois o próprio autor afirma que se trata de uma simplificação de sua *Arte Magna*, “para que ela seja mais facilmente conhecida”, como a citação a seguir. A numeração em parênteses se refere à ordem cronológica das obras lulianas proposta por Fernando Domínguez Reboiras em *Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis 214* (2008).

Para o catalão, Deus só pode ser compreendido pela razão humana (e aceito pelas outras religiões monoteístas) através de Suas *dignidades* – tradução da palavra grega *axioma*.<sup>30</sup> Na filosofia luliana, *dignidade* era cada um dos atributos de Deus, uma perfeição, um atributo, uma virtude, princípios generalíssimos e substanciais que cada criatura, em maior ou menor grau, participava em semelhança (a *gradação da capacidade de participação em Deus* era uma herança filosófico-ocidental da obra do Pseudo-Dionísio Areopagita [séc. V]).<sup>31</sup>

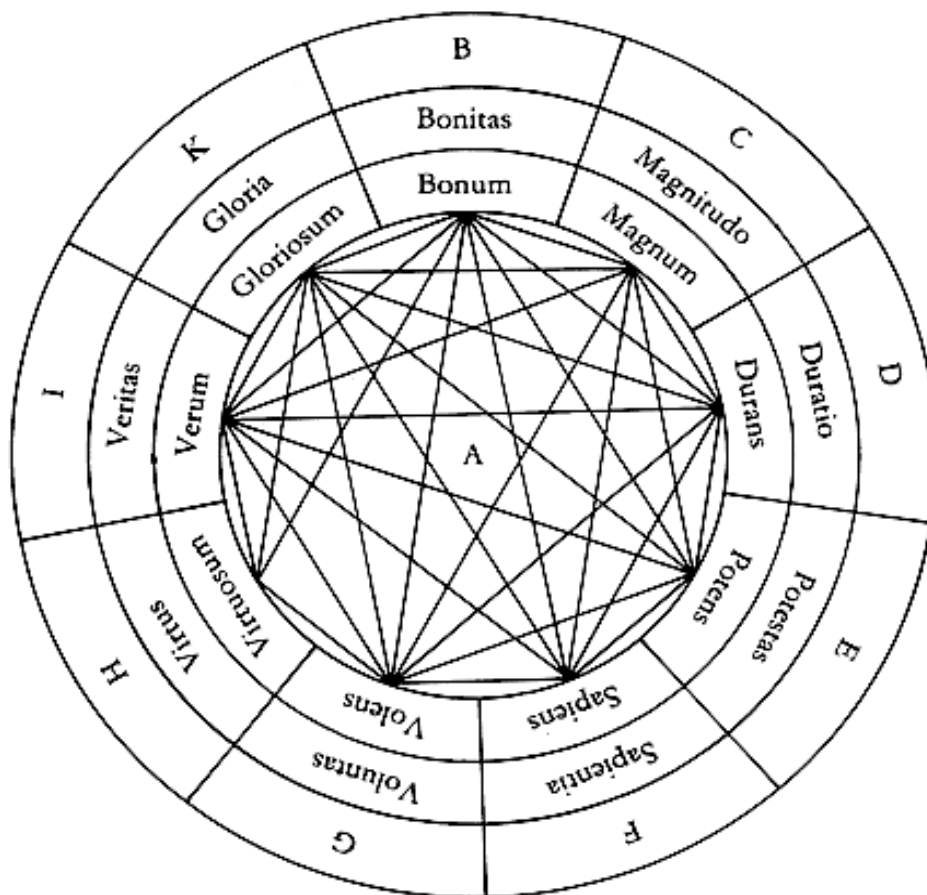


Imagem 2

Figura 1 da *Arte brevis* (1308) de Ramon Llull.

<sup>29</sup> Trad.: Ricardo da Costa e Felipe Dias de Souza, baseada na edição RAMON LLULL, *Arte brevis* (introd. y trad. de Josep E. Rubio), 2004, que, por sua vez, baseou-se na edição de Alexander Fidora, *Raimundus Lullus: Ars brevis* (lateinisch-deutsch), (Übers., eingel. und hrsg. von Alexander Fidora), 1999, disponível na *Internet*: [http://www.ramonllull.net/br/studies/t\\_ars.htm](http://www.ramonllull.net/br/studies/t_ars.htm)

<sup>30</sup> “Originalmente, essa palavra significava dignidade ou valor (...) Aristóteles fez a primeira análise dessa noção, entendendo por axioma ‘as proposições primeiras de que parte a demonstração (...) princípios que devem ser necessariamente possuídos por quem queira aprender qualquer coisa.’, Costa, Ricardo da. “A *ética da polaridade* de Ramon Llull (1232-1316): o conhecimento necessário dos vícios e virtudes para o bom cumprimento do corpo social”. In: Costa; De Boni, (orgs.). *A Ética Medieval face aos desafios da contemporaneidade*, 2004, p. 487-502.

<sup>31</sup> “(...) De fato, se é preciso dar crédito à Sagrada Escritura sapientíssima e perfeitamente verdadeira, **as coisas divinas revelam-se e mostram-se segundo a medida da inteligência de cada um**” (os grifos são nossos), Dionísio Pseudo-Areopagita. *Dos nomes divinos* (introd., trad. e notas de Bento Silva Santos), 2004, p. 58-59.

Pelo conhecimento das dignidades, *raciocinando*, nossa inteligência se elevaria à de Deus.<sup>32</sup> As *dignidades* eram um *valor metafísico absoluto*, exemplos segundo os quais a atividade divina *ad intra* criou o mundo.<sup>33</sup>

Mais: elas se refletiam em *todos* os aspectos da Criação. Todo o método indutivo, comparativo e demonstrativo da *Arte* consistia na redução das coisas particulares aos aspectos transcendentais da realidade (as dignidades) e, conseqüentemente, a comparação das coisas particulares entre si à luz delas.<sup>34</sup>

Na figura, todas as dignidades estão unidas por linhas, o que indica que são co-essenciais à essência divina e mutuamente convertíveis.<sup>35</sup> Por exemplo, a *Bondade* de Deus é grande, eterna, poderosa, sábia, etc.; a *Grandeza* é boa, eterna, poderosa, etc.; a *Eternidade* é boa, sábia, poderosa, verdadeira, etc. Cada uma age na outra, pois *não há ociosidade em Deus*: a *Bondade* não cessa de fazer o bem, pela eternidade, com a verdade, o poder, a sabedoria, etc.; a *Grandeza* magnifica com o poder, com a sabedoria, através da eternidade, etc.; a *Eternidade* eterniza com o poder, a sabedoria, o bem, etc., e assim por diante.

Por isso, o Bem engendrado é o Filho, o engendrador o Pai, e o “engendrante” o Espírito Santo. E porque existe essa “produção ativa” em Deus? “Porque caso não existisse, todas as razões divinas seriam ociosas na extensão e na duração infinitas”<sup>36</sup>, e isso é impossível! Em uma *redação circular*, Llull descreve literariamente essa ativa e eterna relação entre as dignidades divinas em seu *Livro das Maravilhas (41. Fèlix o Llibre de meravelles*, Paris, 1288-1289).

Amável filho, na natureza de Deus existem a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria, a Vontade, e muitas outras dignidades estão no ser de Deus, e cada uma delas é Deus e em nenhuma delas existe ociosidade. Por isso, a Bondade não cessa de fazer bem, isto é, produzir o bem em si mesma e de si mesma, e pela Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade, ela faz o bem e o engendra de Si mesma com a Eternidade, o Poder, a Sabedoria, a Vontade. Este bem engendrado é a pessoa do Filho, e o engendrador é a pessoa do Pai; e do Pai e do Filho nasce o Espírito Santo.

O mesmo faz a Bondade, a Imensidão, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade, e ao mesmo tempo o Pai, o Filho e o Espírito

<sup>32</sup> Eijo Garay, Las dignidades lulianas. In: *Estudios Lulianos*, vol. XVIII, fascs. 1-3, 1974, p. 25.

<sup>33</sup> Bonner, El pensament de Ramon Llull. In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)* (ed. introd. i notes de Antoni Bonner), 1989, vol. I, p. 62.

<sup>34</sup> Pring-Mill, *Estudis sobre Ramon Llull*, 1991, p. 42-43.

<sup>35</sup> Rubio, *Les Bases del Pensament de Ramon Llull. Els orígens de l'Art lul·liana*, 1997, p. 74.

<sup>36</sup> Ramon Llull. “Arbre de Ciència”. In: *Obres Essencials*, 1957, vol. I, p. 851.

Santo são uma natureza divina, uma divindade, um Deus. E em Deus existe uma pessoa, o Pai, por toda a Bondade, a Grandeza, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade, pois aquele que engendra o Filho e faz nascer o Espírito Santo é a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade. O mesmo ocorre com o Filho e o Espírito Santo, que são cada um deles a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade. Por isso, nesta obra que Deus realiza dentro de Si mesmo, são suficientes uma paternidade, uma filiação e uma procissão. E como nessa obra existem a Infinitude e a Eternidade, não pode haver ociosidade, nem desigualdade, maioridade ou menoridade. Pois se houvesse Bondade em Deus sem a criação do bem, e Infinitude sem a criação do infinito, e o mesmo da Eternidade, do Poder, da Sabedoria e da Vontade, existiria em Deus ociosidade de Bondade, Infinitude, Eternidade, Poder, Sabedoria e Vontade, e tal ociosidade seria contra a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade de Deus.

Por isso, assim como é suficiente Deus ser em Unidade, basta à Unidade uma paternidade, uma filiação e uma espiração, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo são a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade. E como o Pai engendra o Filho com toda a Sua Bondade, Sua Infinitude, Sua Eternidade, Seu Poder, Sua Sabedoria e Sua Vontade, existem no Filho toda a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade do Pai. O mesmo ocorre com o Espírito Santo, que é toda a Bondade, a Infinitude, a Eternidade, o Poder, a Sabedoria e a Vontade do Pai e do Filho, procedendo, assim, infinita e eternamente todo o Espírito Santo de todo o Pai e de todo o Filho e por todo o Pai e por todo o Filho. É natural existir amor entre pai e filho, e naturalmente o homem ama a virtude que nasce de seu ato de lembrar, entender e amar. Ora, se o pai ama o filho que é engendrado de seu corpo e do corpo da fêmea<sup>1</sup>, quanto mais amaria seu filho se o engendrasse somente de si mesmo, de todo si mesmo e igual a si mesmo! E se a alma ama seu lembrar, entender e amar que nascem de sua virtude, mais amaria, se seu lembrar, entender e amar fossem sua própria virtude e fossem ela própria!<sup>37</sup>

Essa *forma circular de redação* tinha o objetivo de fazer o leitor (ou o ouvinte “infiel” – judeu ou muçulmano) *ascender espiritualmente* em direção a Deus. Assim, Llull tentava explicar o inexplicável, isto é, o êxtase místico do contato com Deus. Esta forma de redação é tipicamente medieval e se explica também pela idéia neoplatônica que o conhecimento da alma – e, portanto, o de Deus – se dava através de um movimento circular.<sup>38</sup>

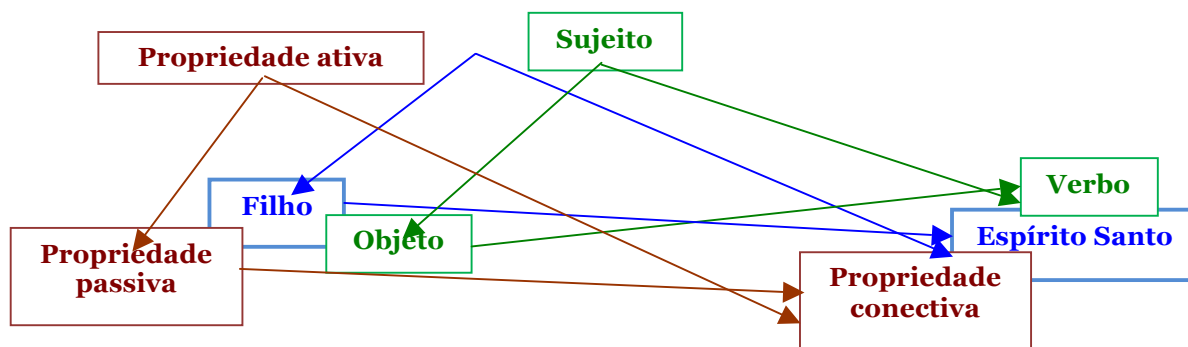
---

<sup>37</sup> Raimundo Lúlio, *Félix, ou o Livro das Maravilhas. Parte I* (trad., apres. e notas de Ricardo da Costa), 2009, p. 55-57.

<sup>38</sup> “Quando uma Alma chega a conhecer a si mesma, vê que seu movimento não se dá em linha reta (...), mas que o movimento conforme a sua natureza é como um círculo ao redor de algo – não de algo exterior, mas de um



Ademais, nessa circular (e monocórdia) meditação ascensional está embutida a sua *teoria dos correlativos*: o Pai (a “bonificação”) é o sujeito (*propriedade ativa*); o Filho (a “bonificatividade”) é o objeto (*propriedade passiva*); e o Espírito Santo (“o ato de bonificar”) é o verbo (*propriedade conectiva*).<sup>39</sup> Veja o quadro abaixo:



**Imagem 3**

A teoria luliana dos correlativos (a ação *ad intra* de Deus)

Ademais, só podemos compreender esta *estrutura correlativa*, tanto de Deus quanto do mundo, porque, assim como a Criação, somos *reflexo e espelho da Santíssima Trindade*. Ao filosofar dessa maneira, Ramon pretendia converter os “infiéis” e expandir o Cristianismo pelo mundo, sempre com a Igreja Católica à frente, pois, “(...) foi ordem de Deus que o Império de Roma fosse dado ao papa, para que, com o braço secular, ele fosse forte para se opor aos inimigos da fé.”<sup>40</sup>

### III. A eternidade luliana

Eu já tive a oportunidade de me debruçar sobre o conceito de *Eternidade* de Deus na primeira grande obra do maiorquino, o *Livro da Contemplação* (2, escrita em Maiorca, c. 1274)<sup>41</sup>, e, por esse motivo, não me deterei novamente no tema nesse texto monumental, que já foi considerado a *Divina comédia* catalã.<sup>42</sup>

centro, a partir do qual provém o círculo”, Plotino, *Tratados das Enéadas*, 2000 (“Sobre o Bem ou o Uno”, 8), p. 136.

<sup>39</sup> Gayà Estelrich, *La teoría luliana de los correlativos: Historia de su formación conceptual*, 1979.

<sup>40</sup> Ramon Llull. “Arbre de Ciencia”. In: *Obres Essencials*, 1957, vol. I, p. 674.

<sup>41</sup> Costa, R. da. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a *infinidade* e a *eternidade* divinas no *Livro da contemplação* (c. 1274). In: *Scintilla*, 2006, p. 107-133. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/expreligiosa.htm>

<sup>42</sup> Torras I Bages. *La tradició catalana*, 1935, p. 314.

Na *Árvore da Ciência* (65. *Arbor scientiae*, Roma, 1295-1296), Llull afirma, um tanto aristotélica e agostinianamente, que é impossível que exista tempo na eternidade, já que Deus é a própria eternidade e é substância infinita e irremovível, pois nenhum infinito pode ser movido, embora, em contrapartida, Deus mova as criaturas no tempo.<sup>43</sup>

Há um excelente exemplo da forma filosófica da argumentação luliana a respeito da *Eternidade*, das dignidades e dos correlativos na obra *O Livro do que o homem deve crer em Deus* (99. *Liber qui debet homo de Deo credere*, Ayas, Cilícia, 1302). Nesse breve compêndio escrito pelo filósofo para os “cristãos que não conhecem a sua própria religião”, Ramon diz que:

Deve-se crer que Deus seja eterno, não temporal, pois, se fosse temporal, teria falta de eternidade e seria principiado, já que toda coisa temporal requer um novo princípio, e a eternidade não. Portanto, Deus é eterno e não temporal, para que não haja falta e não seja principiado por outro, já que ninguém pode começar a si mesmo e convém que todo princípio seja iniciado por outro. É necessário crer que a eternidade de Deus seja plena, não vazia, e que sua plenitude seja feita de “eternante”, “eternado” e “eternar”, e haja uma mesma essência, substância e natureza com ela, sem as quais a eternidade não seria plena da obra eterna, seria incompleta, e, por isso, feia e ociosa, feiúra que seria um mal contra a bondade, e isso é impossível.<sup>44</sup>

Portanto, a *Eternidade*, que é Deus, é formada pelo *eternante* (o Pai), o *eternado* (o Filho) e o *eternar* (o Espírito Santo)! Isso porque, nessa *filosofia correlativa*, as dignidades têm seus próprios correlativos para que o Criador seja sempre ativo, nunca ocioso, e assim, nessa constante relação, Suas dignidades continuamente processem Sua ação no mundo.

A *ação correlativa da Eternidade divina* também está descrita no *Livro dos Correlativos* (159. *Liber correlatiuorum innatorum*, Paris, 1310), obra em que Llull pretende apresentar os “princípios primitivos, verdadeiros e necessários em todas as substâncias”:

A Duração é o ente pelo qual a Bondade, a Grandeza e os demais princípios duram. Contudo, ela não poderia ser tal razão para eles se não tivesse três correlativos distintos e reais, próprios e primitivamente inatos, verdadeiros e necessários: o “durativo”, o “durável” e o “durar”. Assim, qualquer um deles permanece em sua

---

<sup>43</sup> Ramon Llull. *Arbre de Ciencia*, 1957, p. 788. Ver Reinhardt, *Der Baum des ewigen Lebens (Arbor aeviternalis)* bei Ramón Lull. In: *Arbor Scientiae*, 2002, p. 245-263, e Reinhardt, *Entre el tiempo y la eternidad: la idea de la eviternidad en el pensamiento de Raimundo Lulio*. In: *Revista española de filosofía medieval*, n. 5, 1998, p. 21-32.

<sup>44</sup> Ramon Llull. “Llibre què deu hom creure de déu”. In: *Nova Edició de les Obres de Ramon Llull. Volum III*, 1996, p. 90.

singularidade, nome e razão própria, de tal modo que a essência da duração esteja “ativando”, “passivando” e “continuando” a mesma natureza pela qual os outros princípios são imutáveis e sua definição verificada nos demais princípios. Caso contrário, os mesmos correlativos não seriam reais e distintos, e a mesma duração não teria a natureza que conserva os correlativos de outros princípios em sua singularidade e nome, assim como em seu número e razão própria.<sup>45</sup>

Por sua vez, em uma de suas últimas obras, *O Livro da cidade do mundo* (250. *Liber de ciuitate mundi*, Messina, 1314), Ramon alterna o modo de exposição de sua filosofia e a literaliza – já foi dito certa vez que esse procedimento é a *transmutação da ciência em literatura*<sup>46</sup> – e cria assim um *diálogo filosófico-alegórico* entre Raimundo e dezesseis dignidades divinas, dentre elas a *Eternidade*, que assim se apresenta às demais:

[35] Diz a eternidade: – “Sou a bondade ótima e a grandeza máxima. E a bondade ótima e a grandeza máxima são a eternidade eternalíssima. Minha definição se faz através dessa conversão do sujeito e do predicado, porque este tipo de conversão não pode ser feito em nenhuma outra essência”.

[36] Acrescenta a eternidade: – “Em toda essência em que a bondade ótima, a grandeza máxima e a eternidade eternalíssima são convertíveis, também o são o “otimar”, o “maximar” e o “eternar”. É assim que, na essência de Deus, a bondade ótima, a grandeza máxima e a eternidade eternalíssima são convertíveis. Portanto, na essência de Deus o ‘otimar’, o ‘maximar’ e o ‘eternar’ são convertíveis. (...)”

[38] “Como isso é realmente assim”, diz a eternidade, “está demonstrada a minha essência e a minha operação intrínseca, sem acidentes (...)”<sup>47</sup>

Embora a associação feita pela Profa. Yates entre a filosofia de João Escoto Erígena (810-877, tradutor carolíngio do Pseudo-Dionísio Areopagita) e a de Ramon Llull já tenha sido devidamente contestada pelos especialistas contemporâneos<sup>48</sup>, não posso deixar de pensar que a definição “*eternidade eternalíssima*” no *Livro da cidade do mundo* faz eco à filosofia do Areopagita, um dos primeiros filósofos cristãos da Idade Média a utilizar

---

<sup>45</sup> Ramon Llull. “Llibre què deu hom creure de déu”. In: *Nova Edició de les Obres de Ramon Llull. Volum III*. Palma de Maiorca: Patronat Ramon Llull, 1996, p. 90.

<sup>46</sup> Pring-Mill, *Els Recontaments de L'Arbre Exemplifical de Ramon Llull: La Transmutació de la Ciència en Literatura*, 1991, p. 307-318.

<sup>47</sup> Ramon Llull. *El Fantàstic. La ciutat del món* (introd., trad, i notes a cura de Lola Badia), 2008, p. 225.

<sup>48</sup> Relação feita especialmente em “Raimundo Lulio y Juan Escoto Erígena”. In: Yates, Frances A. *Ensayos reunidos I. Lulio y Bruno*, 1996, p. 142-229.

gramaticalmente os superlativos para se referir às coisas divinas (como, por exemplo, em sua obra *Dos nomes divinos*).<sup>49</sup>

Seja como for, um aspecto interessantíssimo do *Livro da Cidade do Mundo* – e que ilustra muito bem a desilusão de Ramon com os poderes constituídos (especialmente o papa e a Igreja) – é que, no final da obra, quando a *Justiça* deseja que Ramon vá à cúria papal e aos príncipes cristãos e mostre aquele livro para que eles sejam informados de tudo que acontecia e tenham temor de Deus, há uma deprimida e autobiográfica escusa sua:

Ramon se desculpou, e disse que já havia ido muitas vezes à Cúria e falado com muitos príncipes sobre a exaltação da fé [católica] por todo o mundo. Além disso, havia escrito livros nos quais mostrava o que deveria ser feito para que todo o mundo se encontrasse em um bom estado [i.e, convertido ao catolicismo], mas não havia conseguido nada de ninguém, pelo contrário, escarneceram dele, o golpearam muitas vezes, e inclusive o chamaram de *fantástico*. Portanto, Ramon se desculpou e disse que iria viver entre os sarracenos para ver se poderia convertê-los à fé católica. Mesmo assim, prometeu que mandaria escrever o livro e o enviaria cópias à Cúria Romana, a alguns príncipes e a quem lhe parecesse conveniente.<sup>50</sup>

## Conclusão

Ramon Llull cria uma *filosofia de conversão ao catolicismo* heterodoxa e original, a partir de uma herança cultural-filosófica comum das *três religiões do Livro* (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), embora ineficaz (não se tem notícia que tenha convertido ninguém). No início do século XX, os irmãos Carreras y Artau já haviam percebido as influências agostinianas e anselmianas de seu pensamento<sup>51</sup>, enquanto outros autores ressaltaram a herança aristotélica dos *Analíticos Posteriores*<sup>52</sup>, ou mesmo sua tentativa de superação da lógica aristotélico-escolástica.<sup>53</sup> Eu mesmo já cheguei a sugerir possíveis analogias de aspectos da filosofia luliana com o pensamento monástico tradicional,

---

<sup>49</sup> “(...) o uno, o incognoscível, o **supersubstancial**, o bem em si – em suma, o que quer que seja a unidade trina, que é em igual medida Deus e bem, não se pode dizer nem pensar.” (os grifo é nosso), Dionisio Pseudo-Areopagita. *Dos nomes divinos* (introd., trad. e notas de Bento Silva Santos), 2004, p. 64.

<sup>50</sup> Ramon Llull. *El Fantàstic. La ciutat del món* (introd., trad. i notes a cura de Lola Badia), 2008, p. 277-279.

<sup>51</sup> “Hemos dicho lo bastante acerca de la influencia agostiniana-anselmiana”, Carreras Y Artau, *Historia de la Filosofía Española. Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*, 1939, vol. I, p. 513.

<sup>52</sup> FIDORA, Alexander. “El *Ars brevis* de Ramon Llull: Hombre de ciencia y ciencia del hombre”. In: FIDORA, A., HIGUERA, J. G (eds.). *Ramon Llull, caballero de la fe. El arte luliana y su proyección en la Edad Media*, 2001, p. 61-80.

<sup>53</sup> RUIZ SIMON, Josep M. *L'Art de Ramon Llull I la teoria escolàstica de la Ciència*, 1999.

particularmente com Bernardo de Claraval (1090-1153), autor que propositalmente não inseri na primeira parte introdutória.<sup>54</sup>

Seja como for, para expor o tema da *Eternidade* de Deus, Ramon Llull absorve, molda, recria e faz eco às meditações de Platão, Aristóteles, Agostinho, Anselmo, e, por que não, do Pseudo-Dionísio Areopagita, para formular uma *filosofia de conversão* de “infiéis” e trazer para o seio da Igreja as almas perdidas para as “seitas” (muçulmana, judia, etc.), como ele mesmo o afirmava.

Eu gostaria de encerrar este pequeno trabalho com uma passagem (platônica) da obra *Do nascimento do menino Jesus*<sup>55</sup>, texto de 1311 dedicado ao rei francês Felipe, o Belo (1268-1314), no qual, em seu capítulo XVII, a *Eternidade Divina* faz uma bela auto-definição, espécie de resumo poético da filosofia de Ramon Llull acerca da *Eternidade*, terceira dignidade do Criador.

Eu sou a duração sem fim, do eterno ao eterno, verdade do tempo com eminência e essência pura, sublime e perfeita, pois não é possível qualquer acréscimo em mim, nem fora de mim há qualquer coisa que possa ser um estorvo à minha ação, já que, absoluta na eternidade, sou absolutamente boa, absolutamente grande, onipotente, verdadeira e sem qualquer empecilho (...). O *arquétipo do mundo* permanece expresso em mim desde a eternidade, o Verbo consubstancial, imanente ao pensamento fecundo, no qual, no momento que agradou à sabedoria eterna, provieram todas as coisas – e provêm a cada dia.

## Referências

### Fontes primárias

*A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOÉCIO. *Escritos (Opuscula Sacra)* (trad., estudos introdutórios e notas de Juvenal Savian Filho). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

---

<sup>54</sup> Como, por exemplo, em Costa, Duas imprecisões medievais contra os advogados: as diatribes de São Bernardo de Claraval e Ramon Llull nas obras *Da Consideração* (c. 1149-1152) e *O Livro das Maravilhas* (1288-1289). In: *Biblos*, 2007: p. 77-90 e também em Pontes; Martins (orgs.). *Anais do VII ETEM - Encontro Internacional de Estudos Medievais - Idade Média: permanência, atualização, residualidade*, 2009, p. 624-630.

<sup>55</sup> Publicado no Brasil: RAIMUNDO LÚLIO. *Escritos Antiaverroístas (1309-1311)*, 2001. Contudo, a tradução do extrato aqui apresentado é nossa, baseada no texto publicado em *Obres Essencials*, 1957, vol. II, p. 1284.

DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA. *Dos nomes divinos* (introd., trad. e notas de Bento Silva Santos). São Paulo: Attar Editorial, 2004.

PLATÃO. *Diálogos (Timeu – Crítias – O Segundo Alcibiades – Hípias Menor)* (trad. de Carlos Alberto Nunes). Belém: EDUFPA, 2001.

PLOTINO, *Tratados das Enéadas*, São Paulo, Polar, 2000.

RAIMUNDO LÚLIO. *Escritos Antiaveroístas (1309-1311)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

RAIMUNDO LÚLIO, *Félix, ou o Livro das Maravilhas. Parte I* (trad., apres. e notas de Ricardo da Costa). São Paulo: Editora Escala, 2009.

RAMON LLULL. “Arbre de Ciència”. In: *Obres Essencials*. Barcelona: Editorial Selecta, 1957, vol. I, p. 547-1046.

RAMON LLULL. “Llibre què deu hom creure de déu”. In: *Nova Edició de les Obres de Ramon Llull. Volum III*. Palma de Maiorca: Patronat Ramon Llull, 1996.

RAMON LLULL. *Arte breve* (introd. y trad. de Josep E. Rubio), Pamplona, EUNSA, 2004.

RAMON LLULL. *Libro de los correlativos (Liber correlativorum innatorum)*. Madrid: Editorial Trotta, 2008.

RAMON LLULL. *El Fantàstic. La ciutat del món* (introd., trad, i notes a cura de Lola Badia). Santa Coloma de Queralt, Obrador Edèndum, 2008

SANTO AGOSTINHO. *Confissões* (trad. de J. Oliveira Santos, S. J., e A. Ambrósio de Pina, S. J.). Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

SANTO ANSELMO DE CANTUÁRIA. *Monólogo – Proslógio – A Verdade – O Gramático* (trad. e notas de Angelo Ricci). São Paulo: Abril S. A., 1973.

### **Fontes Secundárias**

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BONNER, Antoni. “El pensament de Ramon Llull”. In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)* (ed. introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Editorial Moll, 1989, vol. I, p. 55-71.

BONNER, A.; RIPOLL PERELLÓ, M. I. *Diccionari de definicions lul·lianes*. Col·lecció Blaquerna, 2, Universitat de Barcelona / Universitat de les Illes Balears, 2002.

CARRERAS Y ARTAU, Tomás y Joaquín. *Historia de la Filosofía Española. Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*. Madrid: Real Academia De Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1939, vol. I.

COSTA, Ricardo da. “A *ética da polaridade* de Ramon Llull (1232-1316): o conhecimento necessário dos vícios e virtudes para o bom cumprimento do corpo social”. In: COSTA, Marcos Roberto N. e DE BONI, Luis A. (orgs.). *A Ética Medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 487-502.

COSTA, Ricardo da. “Duas imprecções medievais contra os advogados: as diatribes de São Bernardo de Claraval e Ramon Llull nas obras *Da Consideração* (c. 1149-1152) e *O Livro das Maravilhas* (1288-1289)”. In: *Biblos*, Rio Grande, 21, 2007: p. 77-90 e PONTES, Roberto, e MARTINS, Elizabeth Dias (orgs.). *Anais do VII EDEM - Encontro Internacional de Estudos Medievais - Idade Média: permanência, atualização, residualidade*. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC / ABREM, 2009, p. 624-630.

COSTA, Ricardo da. “A verdade é a medida eterna das coisas”: a divindade no *Tratado da Obra dos Seis Dias*, de Teodorico de Chartres (†c. 1155)”. In: ZIERER, Adriana (org.). *Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares*. UFMA, 2010. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/A%20verdade%20%E9%20a%20medida%20eterna%20das%20coisas.pdf>.

EIJO GARAY, Leopoldo. “Las dignidades lulianas”. In: *Estudios Lulianos*, vol. XVIII, fascs. 1-3, 1974, p. 25-46.

FIDORA, Alexander. “El *Ars brevis* de Ramon Llull: Hombre de ciencia y ciencia del hombre”. In: FIDORA, A., HIGUERA, J. G (eds.). *Ramon Llull, caballero de la fe. El arte luliano y su proyección en la Edad Media*. Cuadernos de anuário filosófico - serie de pensamiento español. Universidad de Navarra: Pamplona, 2001, p. 61-80.

GAYÀ ESTELRICH, Jordi. *La teoría luliana de los correlativos: Historia de su formación conceptual*. Palma, 1979.

HONDERICH, Ted (ed.). *Enciclopedia OXFORD de Filosofía*. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.

LAUAND, Jean. “Boécio e o *De Trinitate*”. In: *Convenit Internacional 5*, <http://www.hottopos.com/convenit5/lauan.htm>

LLINARÈS, Armand. *Ramon Llull*. Barcelona: Edicions 62, 1987.

MARENBON, John, e LUSCOMBE, D. E. “Duas idéias medievais: Eternidade e hierarquia”. In: McGRADE, A. S. (org.). *Filosofia Medieval*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008, p. 71-95.

PRING-MILL, Robert D. F. *Estudis sobre Ramon Llull*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1991.

REINHARDT, Klaus. “Entre el tiempo y la eternidad: la idea de la eviternidad en el pensamiento de Raimundo Lulio”. In: *Revista española de filosofía medieval*, n. 5, 1998, p. 21-32.

REINHARDT, Klaus. “Der Baum des ewigen Lebens (*Arbor aeviternalis*) bei Ramón Lull”. In: *Arbor Scientiae* [2002], p. 245-263.

RUBIO, Josep E. *Les Bases del Pensament de Ramon Llull. Els orígens de l'Art lul·liana*. València/Barcelona: Institut Universitari de Filologia Valenciana / Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1997.

RUIZ SIMON, Josep M. *L'Art de Ramon Llull I la teoria escolàstica de la Ciència*. Barcelona: Quaderns Crema, 1999.

TER REEGEN, Jan G. J., DE BONI, Luis A., COSTA, Marcos Roberto N. (orgs.). *Tempo e eternidade na Idade Média*. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

TORRAS I BAGES. *La tradició catalana*. Barcelona, 1935.

YATES, Frances A. *Ensayos reunidos I. Lulio y Bruno*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

YATES, Frances. *A arte da memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.